

RELIGIÃO E ARTE COMO PROPAGANDA DE GUERRA JAPONESA NO BRASIL

Antonio Genivaldo Cordeiro de OLIVEIRA*

- **RESUMO:** O artigo resulta da pesquisa de pós-doutorado (CRE-PUC/SP - PNPDCAPES) e tem por base fontes primárias dos Arquivos históricos do Itamaraty, do Vaticano e do Ministério das Relações Exteriores (Gaimusho) em Tóquio, além das publicações disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional através da plataforma Hemeroteca Digital. Busca-se mostrar a apropriação do discurso Católico de Guerra Justa pelo Grande Império do Japão como parte da justificativa do imperialismo e da propaganda de guerra em países católicos chegando também ao Brasil em 1938. O expansionismo obrigou as autoridades japonesas a repensarem o entendimento do Cristianismo até chegarem a um alinhamento ideológico com o Vaticano na luta contra o comunismo. Além da colaboração nos territórios ocupados, percebeu-se o potencial do discurso católico como parte da propaganda internacional que justificasse a invasão na China. Isso resultou no envio de “missões católicas” a vários países nos anos seguintes. A documentação histórica mostra como o discurso católico foi incorporado pela política externa japonesa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Guerra Justa. Imperialismo Japonês. Yamamoto Shinjiro. Religião e Relações internacionais. Círculo Católico Estrela da Manhã.

Introdução

O Japão no início do século XX tinha conseguido reverter em poucos anos parte dos “tratados desiguais” que lhes foram impostos e entrar no jogo imperialista próprio de cenário internacional de então. As alianças garantidas pelo Japão na Primeira Guerra Mundial garantiam-lhe uma supremacia militar na região. Para assegurar o controle das áreas conquistadas, o Japão assumiu um discurso de defesa dos países asiáticos contra a colonização e exploração europeia. Com este discurso, o Japão invadiu a região da Manchúria em 1931 e, no ano seguinte, instalou ali um Império “satélite”. Logo, o contexto político na Ásia ficaria marcado pela luta entre o comunismo bolchevista a partir da Rússia e o imperialismo expansionista japonês.

* PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estágio pós-doutoral PNPDCAPES do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. São Paulo - SP - Brasil. 01020-001 - genomijp@hotmail.com / genoli73@gmail.com

Artigo recebido em 15/10/2019 e aprovado em 05/04/2020.

Internamente, porém, o Japão enfrentava inúmeras dificuldades com o excesso populacional e a escassez de recursos. As barreiras impostas ao chamado “perigo amarelo” nos Estados Unidos por meio do *Gentlemen’s Agreement* de 1907, foram reforçadas em 1924 com a exclusão da imigração japonesa mesmo vindo do Canadá e a proibição de que os imigrantes japoneses pudessem se naturalizar no país. Diante desse cenário se fazia necessário buscar outras alternativas.

Takahashi Seizaburo em *Japan and World Resources*, publicação patrocinada pela Associação para Assuntos Exteriores, defendia a necessidade do envio de cinquenta a cem mil japoneses para outros territórios para que o Japão pudesse responder a necessidade de alimentos e de crescimento industrial. No texto, destaca que “nenhuma parte do mundo, exceto o Brasil, oferece atualmente alguma perspectiva de colonização bem-sucedida pelos japoneses”¹ (TAKAHASHI, 1937, p. 14, tradução nossa). Porém, as mesmas ideias sobre o “perigo amarelo” foram transferidas para o Brasil marcando as discussões sobre as quotas de imigração que foram promulgadas com a Constituição de 1934. A oposição a estes planos poderia piorar com a deflagração da Segunda Guerra Sino-Japonesa em 1937 que exigiu do Japão grande esforço de propaganda. Além dos interesses econômicos, a luta contra o avanço das ideias comunistas levou a uma batalha ideológica que aproximou os interesses do Império Japonês e da Igreja Católica.

Na Europa, o modelo das concordatas visava assegurar a estabilidade da instituição católica no novo e turbulento cenário, o que levava a Igreja a defender oficialmente uma posição de neutralidade em relação às questões políticas e afirmando a fidelidade da igreja aos diferentes países. Outros países, no entanto, opunham-se a esse modelo, forçando a Santa Sé a buscar novas formas de relações bilaterais que garantiram a união na luta contra o comunismo.

As mudanças políticas e sociais no início do século XX forçaram o Vaticano a rever as estratégias de contato da Igreja com os estados modernos que no geral buscavam a separação entre Igreja e Estado. Desse modo firmavam-se as bases da diplomacia da Igreja, seguindo o entendimento de Pio XI, que acreditava nas negociações diretas entre a Santa Sé e os governos nacionais para garantir os interesses da Igreja no novo contexto político em constante ameaça de guerras.

Segunda Guerra Sino-Japonesa

O primeiro conflito bélico Sino-Japonês (1894-1895) tinha garantido ao Japão o domínio sobre Taiwan. Em 1905, a expansão prosseguiu ao fazer da Coreia um protetorado sob seu domínio até ser anexada em 1910. Esse cenário levou ao convencimento dos líderes militares da suposta superioridade das forças japonesas. No entanto, como civis que ainda exerciam algum poder no governo até a década de 1920 conseguiu imprimir um caráter mais democrático e conter parte dos interesses militares. Porém, este cenário

¹ “No part of the world, except brazil, now offers any prospect of succesful colonization by the Japanese” (TAKAHASHI, 1937, p. 14).

logo mudaria na década seguinte e com a política de “governar pelo assassinato” liderada pelos militares que defendiam tanto a expansão externa, como os golpes de estado e a perseguição e morte dos que defendessem a cooperação com as potências estrangeiras². Seguindo o assassinato do então Ministro das finanças Takahashi Korekiyo (1854-1936) em fevereiro de 1936, o orçamento militar japonês, até então fortemente controlado pelos civis, foi duplicado. Isso se deu exatamente em meio ao aumento da tensão com a China que logo resultou no início de mais uma guerra.

A publicação anônima *Why Japan had to fight in Shanghai*, patrocinada pela *The Foreign Affairs Association of Japan*, expõe a visão japonesa sobre as razões para o conflito, ressaltando em grande parte os sentimentos anti-japoneses que aumentavam e impunham barreiras aos interesses econômicos do Japão na região. O texto apresenta a declaração do Premier, o príncipe Fumimaro Konoyé como mostra da determinação japonesa em enfrentar a guerra visando obter a “cooperação e não território”.

O Japão agora está determinado a lutar contra isso. Suas forças expedicionárias são apoiadas por o povo no país. Sua missão é conseguir, através da erradicação do anti-japonismo e do estabelecimento da cooperação sino-japonesa, uma nova era de paz duradoura na Ásia oriental. O presente conflito é a tentativa de pôr fim de uma vez por todas as probabilidades destes confrontos nesta parte do mundo. *Os japoneses estão destinados a estender sua esfera de atividades na área continental da Ásia*, uma vez que se provou impossível para eles restringir sua energia excedente em uma cadeia de ilhas, cuja área limitada foi explorada ao extremo tanto na agricultura como industrialmente. Portanto, cabe aos estadistas do Japão e da China encontrar caminhos e meios para que este desenvolvimento possa acontecer. Esses caminhos e meios devem ser construtivos – não destrutivos. A presente situação é o resultado, não tanto da falha dos governos de ambos os países em os encontrarem, como a recusa de parte dos chineses em reconhecer a inevitabilidade do infeliz dilema japonês - ou sufocar o Império nas ilhas ou expandir-se no continente. Ao aceitar a oferta do Japão em cooperar na exploração dos recursos naturais não explorados do norte da China, a China primeiramente beneficiaria enormemente seu próprio povo, e posteriormente e evitaria a necessidade do recurso a medidas extremas e drásticas³ (WHY..., 1937, p. 37, tradução nossa).

² Cf. SMETHURST, 2012, p. 8.

³ “Japan is now determined to fight it out. Her expeditionary forces are backed by the full support of the people at home. Their mission is to bring about, through the eradication of anti-Japonism and the establishment of Sino-Japanese co-operation, a new era of lasting peace in East Asia. The present conflict is a struggle to end once and for all the likelihood of any more such clashes in the part of the world.

The Japanese are destined to extend their sphere of activities on the mainland of Asia, since it has been proven impossible for them to confine their surplus energy to a chain of islands, whose limited area has been exploited to the utmost both agriculturally and industrially. Hence, it is up to the statesmen of Japan and China to find ways and means to enable such development to take place. Such ways and means should be constructive – nor destructive. The present situation is the result, not so much of the failure of the Governments of both countries to find them, as of refusal on the part of the Chinese to recognize the inevitability of Japan’s unfortunate dilemma – that of either suffocating in the Island Empire or else expanding on the continent.

In accepting Japan’s offer of cooperation in exploiting the undeveloped natural resources of north China, China would first of all benefit her own people enormously, and secondly avert the necessity of a resort to extreme and drastic

O alinhamento Japão-Vaticano contra o comunismo

Esse cenário acabou favorecendo a conturbada relação entre o Japão e a Igreja Católica, que através de seu organismo de estado, a Santa Sé, tinha reconhecido o Estado Satélite da Manchúria. A aproximação dependeria ainda de uma adaptação da Igreja ao crescente nacionalismo no Japão e da legitimação dos interesses japoneses em outros países. Apesar dos constantes desencontros, a Igreja Católica acabou servindo como instrumento estratégico para a propaganda japonesa nos territórios ocupados. O representante papal no Japão, Paolo Marella, descreve o ressentimento pela utilização do Congresso Eucarístico realizado em Manila (Filipinas) em 1936 sem uma contrapartida mais favorável à Igreja.

Este congresso provou novamente que os japoneses dão máximo de si para obter cada vantagem possível na relação com a Igreja. A ideia de publicizar o Japão é prioridade em suas mentes e enquanto não depreciarmos isso, esperamos naturalmente uma troca justa. Este congresso, tem sido usado para criar uma impressão bastante favorável sobre o Japão entre os filipinos e os peregrinos que vem de todas as partes do mundo. [...]. Enquanto uma publicidade favorável ao Japão tem sido dada às pessoas vindas de outras terras não podemos dizer que alguma publicidade propriamente favorável à Igreja tenha sido feita no Japão. (AAV, fasc. 10, Relatório manuscrito *Communism and Japan*, p. 218-219).

Internamente, os líderes religiosos do país foram convocados a formarem a *Liga Nacional de Mobilização Espiritual*, liderada pelo então Ministro da Educação Sadao Araki (1877-1966) para explicar a situação e pedir o empenho na propaganda dos interesses japoneses. Externamente, a aproximação com a Igreja Católica seria facilitada pelo avanço do comunismo na região. Em 1935, o Sétimo Congresso do Comintern, além da luta contra o fascismo, aprovou a criação de uma frente anti-imperialista. Os alvos principais eram a Alemanha, Itália, Polônia e Japão. Para Trotsky (1935), o papel do partido comunista do Japão era prioritário na mobilização das classes trabalhadoras para enfrentar a crise vivida no Extremo-Oriente. Tal decisão gerava maior apreensão no Japão dada a proximidade com as fronteiras sob o domínio do Império Japonês, facilitando a opção desejada pelos militares de uma aliança com a Alemanha, firmada em 1936. Neste mesmo ano, a Europa assistia o início da Guerra Civil Espanhola e o medo da expansão bolchevista no continente facilitou a aproximação da Itália ao chamado *Pacto anti-comitern* finalizado em 06 de novembro de 1937.

Além dos pactos, a luta se travava também em um embate ideológico que em grande parte se alimentava do discurso religioso. O nacionalismo japonês, já há muito se firmava na figura do imperador “divinizada” e propagada como única maneira de salvar o país do perigo comunista. Apesar das divergências sobre esta questão, a Igreja permitiu a participação dos católicos sob o domínio japonês nas cerimônias xintoístas, abrindo caminho para a convergência de interesses na luta comum contra o Comunismo.

measures. The sooner China comes to the realization of this fact, the better for all concerned in the affairs of East Asia.” (WHY..., 1937, p. 37, grifo do autor).

Em março de 1937, Pio XI tinha lançado a Encíclica *Divini redemptoris* com uma clara oposição ao comunismo ateu. Este alinhamento de interesses levaria a uma participação mais ativa da Igreja na justificativa dos interesses do expansionismo Japonês. Apesar das desconfianças, os oficiais percebiam que além da colaboração nos territórios vizinhos já ocupados, a Igreja seria útil para a propaganda japonesa em outros países. Marella relata a recepção do documento:

Aparentemente, pode parecer que uma ação conjunta da Santa Sé e o Japão contra o comunismo poderia dar a eles uma base comum. Porém, enquanto alguns dos mais altos oficiais do governo apreciam e aparentemente entendem a ação da Santa Sé, existem outros que não a compreendem e a interpretam erroneamente. Comparativamente, os poucos do público em geral que tiveram conhecimento da encíclica contra o comunismo olham para a mesma como uma ação egoísta do Vaticano para avançar em seus propósitos religiosos particulares. Esta acusação foi feita distintivamente em um artigo recente publicado em uma revista japonesa. O autor se refere a encíclica como um documento que tenta “trazer água para as suas próprias plantações”. Em outras palavras, pretende primeiramente e somente para o benefício da Igreja Católica e praticamente sem valor internacional (AAV, fasc. 13, Protocolo 214/37, p. 78).

No manuscrito *Communism and Japan* descreve com mais detalhes os motivos de desconfianças por parte dos militares que temiam o aumento da influência da Igreja Católica⁴. Apesar das desconfianças, Marella pediu a todas as igrejas do Extremo Oriente que cooperassem com a ação do Japão na China para evitar o perigo da infiltração comunista. Na Coreia, os católicos eram exortados à participação nos ritos celebrados nos santuários xintoístas seguindo as orientações de Roma e a não participação seria vista como um ato de rebelião. Um registro de 20 de agosto de 1937 relata o teor da pregação:

Após o evangelho, monsenhor lembrou os fiéis a doutrina da Igreja sobre os deveres, derivados do quarto mandamento de Deus, relativo à lealdade para com o Estado. [...] O governador respondeu assegurando que a lealdade dos católicos era bem conhecida das autoridades japonesas e que as diretivas da autoridade religiosa para a verdadeira interpretação das cerimônias do xintoísmo fizeram cessar toda hesitação. (AAV, *Bulletin de la Mission de Taikou*, nº 565, p. 23).

Com o acirramento do conflito na China, as missões católicas começaram a ser atingidas e as negociações com Roma passavam inicialmente por Tóquio. Após relatar o ataque à missão francesa de Hsien-hsien em Tsangchow, Marella menciona o pedido feito pelas autoridades militares de enviarem o Pe. Taguchi⁵ para ajudar a explicar aos católicos as intenções do Japão. Ao mesmo tempo, expressa seu desejo pessoal de que a

⁴ Cf. AAV, fasc. 10, p. 213.

⁵ Taguchi Yoshigoro (1902-1978) foi um dos maiores colaboradores das ações conjuntas com os militares japoneses nas áreas ocupadas e também nas publicações em japonês. Posteriormente, foi nomeado Arcebispo de Osaka quando as autoridades exigiram a substituição de toda a hierarquia estrangeira por japoneses.

ação contra o comunismo no Japão se una à ação da Santa Sé para a salvação do mundo inteiro⁶. Solicitou ainda a cooperação de toda a Igreja com as autoridades civis e militares e exortou os fiéis aos sentimentos pátrios (*aikokushin*) e a participação nas contribuições em dinheiro: “*imonbukuro*” e “*imonkin*” (AAV, fasc. 13, Prot. 340/37, p. 3-4). Em correspondência ao então Ministro das Relações Exteriores, Koki Hirota, apresenta sua doação pessoal em dinheiro para o “glorioso império” (AAV, fasc. 13, Prot. 402/37).

A notícia dessa doação foi publicada pelo Jornal *Asahi* (16/10/37) como apoio do Vaticano ao Ministério dos Assuntos Estrangeiros na participação nos esforços pela defesa nacional⁷. Com a repercussão da notícia nos Estados Unidos pela Associated Press, Marella comentará o assunto em carta às autoridades vaticanas em 1º de dezembro seguinte: “Fazendo saber que o Vaticano é contra o comunismo, concluem que a Igreja deve estar do lado do Japão” (AAV, fasc. 10, Prot. N. 597/37).

Os intentos e justificativas para o uso da religião como propaganda eram mútuos. Também dos parlamentares japoneses chegavam correspondências a Pio XI, reforçando a ação japonesa na China como alinhada com a defesa da religião:

A China está presa por tumultuosos sentimentos anti-japoneses, enquanto o Japão, tendo por objetivo final o estabelecimento de uma paz verdadeira na Ásia, firmemente convencido que se trata de uma luta sagrada contra o governo e os clãs militares chineses levados ao erro e não a um ataque contra o povo chinês pelo qual tem a mais sincera simpatia. [...] A religião é que dá a vida humana um valor incomparável. [...] A atividade do governo chinês, que dia após dia se liga mais intimamente ao Comintern, agente destruidor da religião, é, portanto, intolerável. (AAV, fasc. 13, Carta do Deputado Y. Takami M. P. à Pio XI [07/12/37], p. 165 -167).

A necessidade de justificativa ideológica para o conflito era clara para as autoridades japonesas, que se viam obrigadas a fazerem uma “propaganda cultural” do país para explicar seus interesses. Neste contexto, a religião passa a ser reconhecida como parte importante, tal como mostra o relato dos debates no parlamento japonês:

O ministro da Guerra Hajime Sugiyama concordou que as guerras não podem ser combatidas somente com armas e admitiu a importância da guerra econômica e ideológica, esta, afirma ele, está sendo feita contra o comunismo. O Ministro das Relações Exteriores Naotake Sato, assegurou que o governo tem feito considerável esforço para manifestar o espírito japonês e prometeu dedicar mais esforços para o ‘desenvolvimento de nossa cultura e manifestação do espírito japonês no exterior’. O primeiro Ministro Hayashi destacou que as práticas morais ainda não são perfeitas dentro do país. No exterior a ideia sobre a qual a nação foi fundada ainda não está completamente entendida. Assim, há a necessidade de convencer o mundo que a ação do Japão é motivada pelo Caminho Imperial. O debate entre Sato e o Primeiro Ministro continuou sobre a unidade dos ritos religiosos e a administração

⁶ Cf. AAV, fasc. 13, Prot. 464/37.

⁷ Cf. RNM, 2004, p. 78-79.

política. (AAV, fasc. 100, *Means of salving Thought of World seen in spirit here*, [No. 14, 795], p. 1243-1244).

A escalada dos conflitos bélicos culminaria em uma legitimação da guerra como ato de Estado, com sustentação religiosa independente da filiação religiosa individual. Como parte dessa propaganda internacional também se preparou material em português sobre o conflito Sino-Japonês. A revista *Voz do Sol Nascente* exaltava as características do povo japonês por sua “pureza racial” e afirmava:

Que o imperador é ser divino omnisciente e onipotente, está fora de qualquer dúvida. A sua preocupação permanente não se limita, por isso, pelas coisas que dizem respeito ao seu império e seus súditos, mas também ela se estende não somente à felicidade da Ásia Oriental e seus povos, como também a paz universal a par da felicidade permanente da humanidade (O CARACTERÍSTICO..., 1938, p. [10]).

Pode-se localizar como parte dessa mobilização espiritual, os primeiros passos para que a propaganda de guerra embasada no discurso católico de Guerra Justa, levando posteriormente ao envio da “missão” por vários países católicos incluindo o Brasil. Para além dessa válvula de escape para o excesso populacional, esse contingente de imigrantes que aqui chegava poderia ajudar também na propaganda do expansionismo japonês.

Do panfleto de Kawamura à missão Yamamoto

A cooperação da Igreja na ação japonesa não se limitou às autoridades eclesiásticas e contou com a mobilização dos fiéis a partir de seus postos sob o patrocínio da Associação das relações exteriores. Entre as iniciativas planejadas estava a preparação de um panfleto que explicasse a ação da Igreja contra o comunismo no Extremo-Oriente. A ideia partiu do Visconde Motono Seiichi (1895-1953), oficial católico do Gaimusho com o intuito de chamar a atenção das autoridades civis e militares, bem como da imprensa secular para a luta da Igreja Católica contra o Comunismo⁸.

Por outro lado, os arquivos históricos do Gaimusho guardam um dossiê intitulado *Ideological thinking of the anti-communism* destacando o papel da religião nesta luta. A versão de maio de 1935 está assinada por Kawamura Shigehisa (1901-1980), outro oficial católico que desde 1934 atuava na sessão de pesquisa⁹. Provavelmente com base neste dossiê, foi feita a elaboração do primeiro panfleto que acabou vazando para a imprensa como prova do apoio da Igreja Católica à ação japonesa na China. O Jornal *Asahi* de 17 de outubro de 1937¹⁰ trazia uma nota afirmando que o papa havia dado instruções secretas

⁸ Cf. AAV, fasc. 10, Carta de Joseph Patrick Hurley de 05/09/36, p. 156-157.

⁹ As sugestões de Kawamura quanto à utilização da religião como parte da política externa japonesa aparece também em um manuscrito inacabado sobre a relação Japão-Manchúria de 1939. 川村茂久関係文書目録. 日満支間ノ基本的ニ関スル件 (未定稿). 昭和十四年二月. GSK- 外交史料館. (17 páginas).

¹⁰ Cf. RNM, 2004, p. 78-79.

a todos os fiéis do mundo a se juntarem na guerra contra o comunismo na China. Fazia elogio à posição católica, contrapondo-a ao sentimento anti-japonês promovido pela Igreja Anglicana na Inglaterra e nos Estados Unidos e apontava como centro da mobilização católica a Universidade Sophia em Tóquio.

A notícia se espalhou rapidamente na imprensa internacional forçando o desmentido da Santa Sé no *L'Osservatore Romano* afirmando que a mesma era *completamente inventada, falsa e manifestamente tendenciosa* (AAV, fasc. 10, p.123) e reafirmando a imparcialidade da Igreja sobre o conflito. No entanto, com a repercussão da notícia nos Estados Unidos, o departamento de Imprensa católica local por meio de declaração do delegado apostólico em Washington, também se apressou em negar a alegada instrução aos bispos e missionários na China para ajudar a causa japonesa¹¹. Publicação semelhante foi feita também no *Evening Star Washington* que repetia o desmentido da Santa Sé.

Após a repercussão na imprensa, o padre jesuíta Nikolaus Roggens (1900-1961) enviou uma carta às autoridades eclesásticas em Roma explicando o que tinha acontecido e que não existia uma suposta organização católica ligada à Universidade Sophia para dar publicidade ao ponto de vista católico sobre o conflito.

O Sr. Kawamura foi procurado pelo Ministério das Relações exteriores para ir aos Estados Unidos e explicar as ações do governo japonês aos católicos daquele país. Para este propósito, o Sr. Kawamura preparou um panfleto e nos pediu de traduzi-lo em inglês. Ao longo da tradução se tornou evidente que o escrito era impossível e em flagrante desrespeito para a sensibilidade e os sentimentos americanos. O Sr. Kawamura foi informado que o panfleto como estava destruiria o seu propósito, então ele mesmo nos solicitou um novo mais apropriado que pudesse ser usado e distribuído. Ao mesmo tempo, ele informou ao Ministério das Relações Exteriores que a Universidade Jochi tinha assumido a tarefa de escrever um panfleto em inglês para o uso nos Estados Unidos.

Através do Ministério das Relações Exteriores alguns jornalistas souberam algo deste fato, e vieram até nós pedindo uma entrevista com o Pe. [Johannes B.] Kraus que assumiu a tarefa de escrever o panfleto. Pe. Kraus declarou que não tinha nada a falar para os jornais e se recusou terminantemente a ver qualquer um dos jornalistas. Então eles falaram somente com o Sr. Kobayashi, secretário do Pe. Kraus. O que ele lhes falou exatamente eu não sei, mas certamente não as coisas que apareceram nos jornais.

Enquanto isso, o panfleto ficou pronto, e então surge a questão em nome de quem deveria ser publicado. O Sr. Kawamura ousadamente assinou o seu primeiro panfleto em nome do “Comitê Nacional dos Católicos Japoneses”. Isto nos parece impossível sem o consentimento da hierarquia japonesa, a qual, eu sinto, não deveria e não poderia nunca ter dado este consentimento. Eu falei com sua Exc.^a o Arcebispo ontem, que leu todo o panfleto (novo), aprovou seu conteúdo, o qual consiste em uma clara exposição da doutrina Católica na causa da Guerra Justa tal como pode ser aplicada ao presente conflito. Não mesmo uma simples afirmação

¹¹ Cf. AAV, fasc. 10, N.C.W.C News Service - Press Department, National Catholic Welfare Conference, p. 132-133.

discordante sobre a China, para que ninguém possa ficar ofendido. Sua Excelência, concordou obviamente que este não poderia ser publicado em seu nome ou da hierarquia em geral; assim sugeriu que alguns proeminentes católicos japoneses deveriam assiná-lo. Nós selecionamos os nomes do Alm. Yamamoto, Prof. Tanaka, Prof. Takahashi (Sendai) e do Sr. Inabata (Osaka). O Almirante Yamamoto já consentiu, e os demais serão consultados imediatamente. (AAV, Fasc. 13, Carta de 22/10/37, p. 118-119).

O panfleto mencionado tinha sido enviado anteriormente a Roma com uma carta assinada pelo Pe. Taguchi afirmando que o mesmo fora aprovado pelo Arcebispo de Tóquio. A cópia existente no AAV intitulado *O conflito sino-japonês e o ensinamento católico* (日支紛争とカトリック教徒), é de fato assinado por Kawamura Shigehisa. O panfleto está dividido em quatro tópicos. O primeiro apresenta a leitura de Kawamura sobre o entendimento de “guerra justa” (正戦 ou 正義の戦); no segundo (日支紛争に於ける「正義」の明) faz uma aplicação do conceito ao referido conflito; na terceira parte (日支紛争の世界史的意義), passando Maquiavel, Marx, repete parte do discurso antissemita usando o binômio judeu-comunista que tinha sido absolvido por parte de lideranças católicas em vários países. Assim preparava o terreno para finalizar com a crítica ao imperialismo norte americano e britânico; mais adiante inspirado por Jacques Maritain conclui defendendo a ação japonesa na China como “justa” e como uma obrigação histórica do Império japonês para garantir a paz mundial como algo em perfeita consonância com a doutrina católica.

A nova versão, escrita originalmente em alemão pelo jesuíta Pe. Johannes Kraus, foi posteriormente traduzida para o japonês, francês, inglês e espanhol. Na versão em francês, mais usada na esfera diplomática, ganhou a assinatura do Contra-Almirante Yamamoto que logo em seguida partiria como líder da Missão dita “católica”. Embora se falasse em iniciativa pessoal, vários documentos revelam que a viagem resultou do pedido dos militares japoneses e fora patrocinada pelo Gaimusho. Um dos relatórios da Arquidiocese de Tóquio também afirma que “ele foi oficialmente enviado à Europa e ao Brasil, para fazer o mundo católico compreender o ponto de vista japonês” (AAV, fasc. 14, *Comptes Rendus* 1936-1937, p. 927). De maneira mais contundente, Marella relata o projeto de viagem de Yamamoto que depois de Roma se estenderia para França, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Brasil.

A viagem tem caráter exclusivamente privado e pessoal para levar aos católicos a posição do Japão no doloroso conflito atual. Porém, *me consta que os militares lhe tenham expressamente pedido este favor, e que o Ministério do Exterior financia a viagem.* (AAV, Fasc. 13, Prot. 577/37, p.135, grifo nosso).

As notícias dessa missão logo repercutiram na imprensa brasileira:

A Agencia Domei anuncia que o Contra-Almirante Shinjiro Yamamoto vai à Cidade do Vaticano e a vários países da Europa a fim de fazer um apelo aos 300 milhões de católicos do mundo inteiro para que se associem à “cruzada” do Japão

contra as “infiltrações bolchevistas”. O contra-almirante Yamamoto fez parte, ultimamente, dos dignatários ao serviço da casa imperial. Embarca depois de amanhã, com destino à Roma. Viajará como “enviado do povo” e encarregado da missão de cem mil japoneses que professam a religião católica romana (UM APELLO..., 1937, p.1).

Yamamoto foi recebido no Vaticano pelo Papa e depois na Secretária de Estado onde expôs oficialmente o ponto de vista japonês sobre o conflito. “A visita do Almirante Yamamoto é complemento da que fez o Barão Okura à Itália em novembro, quando foi recebido pelo “Duce”, mas não esteve no Vaticano” (NA SANTA..., 1938, p. 2). No registro de sua passagem por Ancona (Itália), os ecos chegaram nos jornais brasileiros registrando o entusiasmo de Yamamoto em suas conferências sobre o Japão Moderno afirmando que a guerra com a China terminaria rapidamente e que no decorrer daquele século toda a população japonesa estará convertida ao Catolicismo¹².

A necessidade de imigração e as barreiras no Brasil

Nesse período, as relações entre Brasil e Japão eram motivadas em especial pelas necessidades imigratórias que o Japão enfrentava pelo excesso populacional. Porém, no Brasil da década de 1930, além das ideias nacionalistas internas, o contexto internacional fez com que a imigração passasse a ser questão de segurança nacional.

O “racismo científico” era utilizado para justificar a dominação dos brancos europeus sobre os demais povos. Oliveira Vianna tinha publicado em 1932 *Raça e Assimilação* baseando-se em um estudo do sociólogo e demógrafo norte-americano Bloom Wessel sobre o grau de “fusibilidade” das diversas etnias imigradas para New London. Neste estudo, judeus em especial, mas também os japoneses eram apontados como “infusíveis”, e o fator religião é apontado como a maior interferência e provocadora dos “esquistamentos” raciais (VIANNA, 1938, p. 153). Na aplicação do estudo ao caso de São Paulo, Vianna (1938, p. 209) reafirma o caso dos judeus e dos japoneses que são apontados “como enxofre: insolúvel”.

Eugenia e nacionalismo marcavam não apenas as discussões acadêmicas, mas também as discussões políticas em torno da imigração na Constituição de 1934. Um grupo parlamentar liderado por Miguel Couto defendia “[...] uma *orientação branca, cristã e nacionalista* à nossa imigração, visando atender os três sentidos: racial, religioso e social” (CARNEIRO, 2001, p. 61, grifo do autor). A Constituição aprovada impunha no artigo 121, §§ 6º e 7º as quotas para a entrada de imigrantes e vedava a concentração dos mesmos em determinada área. Apesar disso, em 1935, a entrada de japoneses excedeu as cotas impostas, motivada especialmente pela contrapartida do comércio com a compra de algodão brasileiro e a promessa de venda de maquinário pesado para a indústria. Porém, nos parece claro com a documentação aqui apresentada que houve uma participação importante da Igreja Católica nessa conquista.

¹² Cf. AINDA..., 1938, p. 1.

O Estado Novo e seu nacionalismo foi reforçado em grandes linhas pelo discurso religioso que destacava a tradição católica em contraposição às ameaças estrangeiras do protestantismo e do judaísmo, além dos ataques ao espiritismo, à maçonaria e ao comunismo. O integralismo católico seguiu os discursos que associavam o comunismo e judeus em uma curiosa transferência da percepção de perigo. Nesse novo contexto, o alinhamento entre o Vaticano e o Japão na luta contra o Comunismo pode certamente ser apontado como um dos elementos que ajudariam a rever a percepção do japonês.

A mediação da Igreja no Brasil se mostrava importante para os interesses japoneses a exemplo do que acontecera na China, uma vez que esta já exercia pressão sobre a política de imigração brasileira. A documentação dos missionários encarregados pelos japoneses no Brasil mostra como houve acertos entre a Nunciatura Apostólica e a Embaixada do Japão no Rio de Janeiro em relação às exigências de imigração para o Brasil.

No Japão devia-se avisar aos japoneses que emigrassem, que o Brasil era um país católico, e por isso não se devia fazer nada que pudesse ofender os católicos do país. E para evitar atritos, o governo japonês não devia permitir que viessem bonzos e pregadores de seitas do Japão para o Brasil. (AF-SP, Cartas do Pe. Lourenço Hubbauer, p. 326).

Em 1937, houve novas discussões sobre o artigo que impunha as cotas de imigração reacendendo a oposição aos imigrantes. Do lado japonês, como exposto anteriormente, as autoridades já haviam decidido empenharem-se mais na propaganda externa. Assim, há um período de intercâmbio entre o Brasil e Japão de missões econômicas, culturais e também “católicas” antes que se chegasse ao rompimento de relações entre os dois países.

A Missão Yamamoto no Brasil

A vinda da Missão ao Brasil, embora tenha caído no esquecimento histórico não passou despercebida. Desde sua partida do Japão as autoridades brasileiras foram informadas da missão. Em ofício reservado o embaixador brasileiro Pedro Leão Veloso faz suas recomendações para a acolhida do almirante e destaca sua dificuldade em definir tal missão:

Acaba de deixar o Japão, com destino à Europa e ao Brasil, o Almirante Shinjiro Yamamoto, na qualidade de emissário católico, numa missão que não sei exatamente como definir, mas que consiste, segundo me foi possível compreender, em esclarecer os meios com que entrar em contato, sobre a posição internacional do Japão, e especialmente, as suas reais intenções no presente conflito armado com a China. [...]. Nessas condições, peço vênua à V. Ex. para recomendar que o Almirante Yamamoto seja tratado pelas nossas autoridades e pelos elementos mais representativos de nossa sociedade, não só nos meios católicos, mas nos círculos intelectuais, como um visitante de grande distinção. Peço, outrossim, que o Presidente da República se digne recebê-lo pessoalmente e que o Ministro da

Marinha também lhe ofereça um testemunho do seu apreço, em nome de nossa Armada, informado como estou de que, por ocasião da última visita do Benjamin Constant a este Império, sob o comando do, então, capitão de Fragata A. C. Gomes Pereira em 1908, o Almirante Yamamoto, que pertencia ao Estado-Maior do Almirante Togo, fez parte da comissão encarregada de receber os nossos oficiais. (AHI, Nov 37-Mai 38, Protocolo Nº 227, de 6/12/37).

Prevista inicialmente para chegar em maio ao Brasil, a missão se tardou em sua estada na França chegando somente em 11 de julho de 1938 a bordo do Transatlântico Almonzora, composta apenas pelo contra-almirante Yamamoto e por seu secretário Lucas Shibazaki, outro católico de carreira consular que se dedicava a propaganda do catolicismo no país¹³. A “Missão de Amizade e Sympatia” foi amplamente divulgada nos jornais do país.

As várias conferências organizadas no Rio de Janeiro eram promovidas pela Ação Católica Brasileira. A principal cerimônia se deu na Candelária, onde na presença do embaixador japonês Suwada, foi lida a mensagem em nome dos “300.000 Católicos Japoneses a 40 milhões de brasileiros”. Yamamoto fez a descrição, ao seu modo, do contexto religioso japonês e em especial do Cristianismo. No entanto, seu discurso não deixava de ressaltar o sucesso bélico do Japão nos últimos conflitos internacionais destacando que a entrada da cultura ocidental fez crescer a competição com outros países. Assim, O Japão evoluiu industrialmente, ampliou o exército e entrou em guerra alcançando seu auge contra a Rússia. Igual otimismo era demonstrado em relação ao catolicismo no Japão, começando pela boa aceitação do cristianismo pelo imperador, a vitória do exército japonês frente à ameaça do materialismo crescente e da excelência da dedicação e entrega dos católicos durante as guerras, bem como do reconhecimento dos ritos japoneses permitindo a participação dos católicos pelas autoridades de Roma e ajudou a dissipar as desconfianças das autoridades japonesas¹⁴. Vários jornais destacaram o seguinte trecho:

Nesta hora em que o mundo inteiro se sente perturbado, disse s.s., por apreensões de diversas ordens, mister se faz que a família católica esteja decidida a todos os sacrifícios pela maior glória de Cristo. Para tal, porém, é preciso que ela fortaleça entre si ainda mais os elos de sua amizade e nós japoneses e brasileiros, nesse particular, damos o bom exemplo, pois, à sombra de nossas relações fraternas, há de vingar os mais amplos horizontes a prosperidade das nossas duas pátrias, contribuindo, assim, para a realização do grande sonho da paz eterna e universal.

Todos os católicos do mundo, aliás, devem compreender a palavra do Almirante Shinjiro, como uma advertência oportuna. A civilização cristã tem fundamentos seculares entre os quais a humanidade construiu a sua cultura e o seu progresso. A onda do materialismo que ameaça destruir as conquistas realizadas sob a égide da doutrina do nazareno, precisa ser detida, a fim de que o mundo não se subverta e a degradação dos costumes não invada a sociedade humana (TÓPICOS..., 1938, p. 6).

¹³ Cf. CHEGOU..., 1938, p. 10.

¹⁴ Cf. YAMAMOTO, 1954, p. 134-142.

Destacava-se ainda a fala do Embaixador Suwada: “As relações internacionais só serão sólidas e duráveis quando alicerçadas em bases materiais e espirituais. Estou seguro que com a visita do almirante Yamamoto ao Brasil esse laço espiritual será mais sólido do que nunca” (A DOUTRINA..., 1938, p. 12). Em nome do “Brasil Católico”, falou o bispo emérito Dom Benedito Paulo Alves de Souza:

O Brasil, nascido aos pés da Cruz de Nosso Senhor, abre os seus braços, tão longos como a extensão de suas costas marítimas, aos povos das nações amigas que aqui vem para procurar o bem-estar material, cooperando com os filhos da terra no desenvolvimento sempre crescente da sua cultura moral, intelectual e progresso material. A Igreja católica Apostólica Roma é o maior laço de união entre as nações e o melhor coeficiente para a civilização dos povos. O povo japonês desde que aqui chegou, soube captar as simpatias da nossa gente, pela energia no trabalho, lhanza no trato e nobreza de sentimentos entre os quais, não menor o amor por esta terra, que tão bem sabe compensar o trabalho honesto dos filhos de outras nações aqui domiciliados. Ficamos verdadeiramente sensibilizados com a embaixada especial dos católicos do Japão, confiada ao ilustre Almirante Yamamoto, glória de seu povo e da Igreja Católica (A DOUTRINA..., 1938, p. 12).

Nossa senhora Estrela da Manhã: o presente ao Cardeal Leme

Durante a cerimônia na Igreja da candelária, fez-se a entrega de um presente ao Cardeal Leme, que por estar em Roma na ocasião se fez representar. Tratava-se de uma pintura de Lucas Hasegawa Roka (1897-1967), pintor católico que se destacava internacionalmente. A pintura é uma releitura tipicamente japonesa da pintura de Nossa Senhora Estrela da Manhã, devoção que tinha recebido o aval do Papa Bento XV como “advogada dos japoneses”¹⁵. A primeira pintura, obra da italiana Luisa Franchi Mussini (1865-1925) fora feita por encomenda de Yamamoto quando atuava como adido militar na Embaixada japonesa na Itália e posteriormente levada ao Japão. A obra italiana, embora apresente o Monte Fuji ao fundo, mantém uma característica mais ocidental. O *kakejiku* de Hasegawa, por sua vez, apresenta Maria tipicamente japonesa em uma obra emblemática que marca a influência do nacionalismo que o país vivia no momento. Parecem-nos inegáveis os traços das representações mitológicas de Amaterasu.-

A peça batizada pelos brasileiros como Nossa Senhora do Japão, foi assim descrita pelo pintor:

A minha tela tem por título ‘Stella Matutina Japonica’ [...]. O modo de pintar foi traçado dentro das diretrizes de *Yamatoe*, a pintura clássica japonesa. No fundo do quadro surge o Monte Fuji visto da praia de *Kiomigata* na primavera. A Virgem maria veste o ‘*karaguim*’ que é o traje de rigor das damas nobres do Japão de hoje. Cristo por sua vez o “*kosodo* com *hakama*” cor de prata que é o traje

¹⁵ A peça foi reencontrada graças a essa pesquisa e apesar de um pouco danificada se encontra no Museu de Arte Sacra do Rio de Janeiro.

dos Príncipes infantes da Corte. A virgem e seu Divino Filho aparecem sobre as nuvens matinais abençoando o Japão. Na parte inferior do quadro estão pinheiros e cerejeiras representando os japoneses que de joelho recebem a benção de Cristo (A IMPONENTE..., 1938, p. 9).

O presente era um reconhecimento pela atuação do cardeal Leme em favor da imigração japonesa, tal como havia sido divulgado pela imprensa no Japão.

O cardeal Leme é grande amigo do Japão, não tendo poupado esforços em nosso favor com relação à questão imigratória e ao atual incidente sino-japonês. Pode-se atribuir aos seus esforços, em grande proporção, o motivo pelo qual foi criada naquele país, uma tendência geral amistosa para com o pacto anti-comunista entre o Japão, a Alemanha e a Itália. O Embaixador Suwada, no Rio de Janeiro, não deixou de comunicar ao Gaimusho os gestos de boa amizade do Cardeal Leme para com o Japão, o que foi motivo de sincera gratidão por parte das autoridades competentes. Nessas condições, a Associação Nipponica Brasileira decidiu oferecer-lhe um quadro de verdadeira arte japonesa em sinal do seu agradecimento. (AHI, Nov 37-Mai 38, 16/38, Recorte do Jornal *Asahi*, 20/01/38, Anexo, p. 1).

A devoção à Nossa Senhora Estrela da Manhã, ao que parece, revelou-se um importante instrumento da propaganda japonesa entre os católicos de outros países. Em correspondência enviada do México se percebe o tom imperialista com a qual era entendida: “Que triunfo para a Santíssima Virgem Maria, já que o Japão É O PAÍS DO GRANDES DESTINOS FUTURO! Quem diz Japão, diz Coreia e China... e Sibéria e ...” (AAV, fasc. 107, Carta ao Delegado Apostólico no Japão, p. 268b).

A arte também fez parte dos eventos da Missão em São Paulo. A sessão solene lítero-musical em homenagem à Yamamoto incluía além da recitação de trechos dos Diálogos de Platão, do Apóstolo Paulo, Santo Agostinho, tinha em sua segunda parte intitulada nossos tempos descristianizados trechos *Da religião Civil* de Rousseau, *Do prisioneiro de Ferro - Mensch im Eisen* de Heinrich Lersch entre outros textos recitados em suas versões originais¹⁶. Sob o patrocínio da Juventude Universitária Católica, o Almirante visitou ainda a Associação de Jornalistas Católicos, falou à Rádio Bandeirantes e proferiu palestra sobre “O Catolicismo e a Juventude” na Faculdade de Direito do largo São Francisco.

Após visita a várias cidades do interior (Cotia, Campinas, Bauru e Álvares Machado) retornou à Capital. Posteriormente foi a Minas Gerais sendo recebido pelo então governador Benedicto Valladares, visitando assim todo o centro político e religioso brasileiro. Em seu retorno ao Rio de Janeiro fala no programa de rádio *Hora do Brasil* agradecimentos oficiais. Tal fato posteriormente causaria protestos.

¹⁶ Cf. AF-SP, Brochura do programa - *Cruz Sacra sit mihi lux, non draco sit mihi dux*, 14 p.

Repercussão Negativa

A boa repercussão da missão na imprensa brasileira é incontestável pelos registros da época. No entanto, a oposição também foi forte. O *Jornal do Commercio* desde 1934 publicava uma série de artigos denunciando o “avanço monstruoso da infiltração amarela” que estrategicamente teriam planos de dominar algumas regiões do país (INFILTRAÇÃO..., 1937, p. 9; A INFILTRAÇÃO..., 1937, p. 11). Por ocasião da chegada da missão, publicou uma nota emblemática:

A vinda de missões japonesas ao Brasil vai ultimamente se amiudando. São missões de todo o gênero: diplomáticas, culturais, universitárias, agrícolas, comerciais e até católicas... essas visitas obedecem todas ao mesmo propósito e tem todas o mesmo sentido. Estão ligadas ao programa de propaganda japonesa no Brasil, obra insidiosa e tenaz facilitada pela nossa boa fé e displicência. Para não sermos instrumento de tal obra e certos que os leitores bem compreenderão nossa atitude, preferimos silenciar sobre as atividades das missões japonesas despachadas para o Brasil (VÁRIAS..., 1938, p. 5).

Essa posição encontrou eco em Lemos Britto, que criticava as “Missões Catholico-Militares” curiosamente chefiada por um almirante e questionava sobre os reais interesses da missão (BRITTO, 1938, p. 11). Outro jornal de oposição *A Batalha* [AB], publicou o artigo “A consciência católica e a guerra sino-japonesa. Os católicos chineses lançam um apelo ao Almirante Yamamoto” que seria feita a pedido de “chineses católicos do Brasil”. Após eloquente louvação à pessoa do Contra-Almirante, o texto fazia um apelo para que visse “o grande pecado que a tua Pátria está cometendo, bombardeando cidades abertas, vilas, aldeias onde a população da China vive sem ódio a trabalhar e criar a geração do amanhã” (A CONSCIÊNCIA..., 1938, p. 6).

O jurista Heráclito Fontoura Sobral Pinto (1893-1991), um dos convidados para o banquete oferecido na Embaixada japonesa enviou uma Carta de Protesto publicada posteriormente:

Não atino, Excelência, e por mais que excogite, como um Governo panteísta e pagão qual é o de V. Exa. se mostre tão zeloso em trazer oficialmente ao meu país, por entre homenagens tão excepcionais, uma missão católica de leigos [...]. Se o Governo de V. Exa. acha que é motivo de enaltecimento ante os nossos olhos, mostrar que existe catolicismo no Império Nipônico, cumpria-lhe antes de mais nada, dar a prova de que os preceitos evangélicos têm no Império do Sol Nascente, uma influência decisiva na orientação da vida nipônica, tanto nas suas relações internacionais, quanto nas relações internas. Isto sim, é que seria motivo de júbilo para os católicos brasileiros que se interessam, muito mais do que pensa V. Ex. pela aplicação à vida social das nações dos grandes princípios normativos que se contêm nas lições divinas do Redentor da humanidade.

Sabe, porém, V. Ex. que o catolicismo não tem, nos nossos dias, senão uma repercussão ínfima tanto na vida pública, quanto na vida particular de seus compatriotas, certo que não mereceu jamais do Governo de V. Exa. o menor

acatamento no que se refere à orientação da sua política interna e externa, que é ditada por considerações puramente pagãs, e no sentido de um rumo inequivocamente antagônico com os princípios da política cristã. [...]

Toda a política exterior e interior do Japão, é dominada por estas duas fatalidades. A medida que sua potência aumenta, e, com ele, as suas ambições, as suas necessidades e a sua miséria, ele precisa encontrar recursos interiores cada vez maiores, territórios novos que lhe procurarão não só terras de colonização, como matérias primas que ele não possui. Foram-lhe precisas a Formosa, a Coréia, a China; são-lhe necessários mercados para neles vender terras para cultivar o arroz, das quais possa fazer vir o com que alimentar as suas pululantes multidões; são-lhe indispensáveis o ferro, o algodão, a lã, tudo o que o Japão não produz; é-lhe mister o direito para os seus súditos se estabelecerem na América, na Australásia, sobre um pé de igualdade com os brancos. Como a Alemanha e a Itália, ele está condenado a um imperialismo agressivo, e pelas mesmas razões, com elas, chegando tarde no concerto das Nações, ele encontra, por toda a parte onde as suas ambições lhe parecem legítimas, rivais já instalados, que tomaram tudo o que merecia ser tomado. Ele não pode viver senão se estendendo incessantemente, e ele não pode estender-se senão pelo preço de sacrifícios sobre-humanos, através de lutas contra formidáveis forças hostis. A expansão e a guerra feliz são condições de paz interior. O imperialismo é uma condição de vida.

Bem compreende V. Exa. Sr. Embaixador, o natural receio com que os brasileiros acompanham a infiltração japonesa no nosso imenso território. Os exemplos das agonias das outras Nações, por efeito da expansão do Império Nipônico, levam-nos a prever no futuro, para a nossa nacionalidade complicações internacionais com o Império do Sol Nascente.

Infelizmente, e para meu pesar eu não posso llobrigar na missão católica de leigos que o Governo Japonês nos enviou nenhum gesto de amizade desinteressante e muito menos uma homenagem superior à grandeza da Fé Católica. [...]. O governo japonês, pelas suas atitudes anteriores, no seio de outros povos, não me merece a menor confiança quando manifesta propósitos de paz e cordialidade com as outras nações do Universo. A presença, assim, no nosso território desta missão de católicos leigos, me inquieta e perturba, tanto mais na festa que V. Exa. deu na semana passada, na sede da Embaixada, em homenagem aos católicos do Brasil e do Japão, eu só consegui ver, entre os leigos católicos do meu país, apenas um que é, realmente, o expoente do pensamento católico no Brasil: o Sr. Alceu Amoroso Lima. Sem pôr em dúvida os sentimentos religiosos de todos os demais brasileiros, que compareceram a esta festa, posso lhe asseverar senhor Embaixador, que nenhum deles se fez notar, no seio da nossa vida pública ou social, como representante legítimo e autorizado do movimento católico brasileiro. Estarão na mesma categoria, sr. embaixador, e relativamente ao catolicismo japonês, os elementos que compõem a atual missão de amizade? Como quer que seja, Sr. Embaixador, o que não posso deixar em silêncio é o meu receio que esta missão traga, pelo menos da parte do governo de V. Exa. O propósito de fazer adormecer a consciência do catolicismo nacional a respeito dos perigos que a nossa fé passará a correr no dia em que uma numerosa massa de imigrantes japoneses, panteístas e pagãos se meter no seio de nossa população agrícola do interior. E maior,

ainda, deve ser a nossa angústia quando é absolutamente certo que V. Exa. Vem intervindo em assuntos de nossa vida interna, como, por exemplo, neste caso de proibição de qualquer debate público em torna da imigração japonesa [...]. (PINTO, 1941, p. 2).

As opiniões negativas como essas acabaram por alimentar finalmente os relatórios do Departamento de Polícia Política e Social que monitorava as ações dos japoneses no Brasil. Amílcar G. Alencastre ao descrever sobre a infiltração nipônica no Brasil, afirmava que a propaganda japonesa “é dirigida ao coração e ao espírito, visando criar um ambiente de simpatia e de respeito, para melhor serem atingidos os seus objetivos reais” (APRJ, pasta I, p. 70). A conclusão da outra parte trazia exatamente o registro da Missão Yamamoto a partir da interpretação falaciosa do já mencionado Oliveira Viana.

Em princípio de 1938 chegou ao Brasil uma missão católica japonesa. O embaixador de religião xintoísta, introduziu os membros da missão nas altas esferas do estado e da Igreja. O Japão vinha revelar assim ao Brasil, que o catolicismo já era um fato no império do sol nascente, cada vez mais ocidentalizado, cada vez mais civilizado. Ocorre, porém, que o escritor e sociólogo brasileiro Oliveira Vianna, cuja opinião é insuspeita no caso, “Estando certa vez num país católico, encontrei ali uma missão católica japonesa. Mas passando pouco depois por um país protestante, constatei que o mesmo chefe “católico” estava chefiando uma missão protestante” (Cf. *Jornal do Brasil*, 18/08/38, p. 5; *Jornal do Commercio*, 19/08/38, p. 10). E assim finalizamos essa história do niponismo no Brasil com todas as suas falsas manifestações e sempre com a ideia fixa de fazer todo o mal possível ao nosso país. (APRJ, Cx. 723, p. [19-20] 63-62).

As confusões pós Pearl Harbor

Após a partida da missão, as críticas ao “católico chefe” japonês que estaria se aproveitando do sentimento e da boa-fé dos católicos brasileiros ainda se estenderiam por um bom tempo. O tom se agravou após o ataque a Pearl Harbor liderado pelo General Isoroku Yamamoto, fortalecendo uma confusão que já se notava sobre os dois como se fossem a mesma pessoa. De modo especial, o *Jornal do Comércio* usava o assunto para “confirmar as previsões” de que “nem o Governo Japonês nem o Almirante Yamamoto se preocuparam jamais com a verdade cristã da fraternidade humana” (PINTO, 1941, p. 2).

Por sua vez, O *Jornal* faz eco ao artigo com o título *As duas missões do Almirante Yamamoto* (BORBA, 1941, p. 17). Outro jornalista Pompeu de Sousa (Roberto P. de S. Brasil), repercutia:

Em 1941, dois anos depois do início da guerra, eis que o mesmo almirante-missionário ressurge no Japão feito almirante-estrategista, feito ‘planejador do ataque de surpresa aos Estados Unidos’. O Almirante Yamamoto, o suave, o seráfico apóstolo de Cristo, o portador da palavra de amizade dos católicos do Japão aos ouvidos e, mais que aos ouvidos, ao coração dos católicos da América – e

o almirante Yamamoto, o glorioso estrategista da surpresa, da emboscada, da traição do tiro pelas costas. O mesmo almirante, a mesma pessoa, - om o mesmo sorriso, com a mesma capacidade de simular e de trair. O falso mensageiro de Deus trazia debaixo das vestes o punhal do assassino (SOUSA, 1941, p. 4).

Um artigo anônimo comparava Yamamoto aos heróis dos contos de Claude Farrère (pseudônimo de Frédéric-Charles Bargone) para mostrar as sutilezas da psicologia amarela e da moral japonesa muito diversa dos ocidentais e que exigiam cautela:

Esse Sr. Yamamoto, que muita gente considerava um almirante de papelão, às voltas com bentos e terços, foi muito bem acolhido, por toda parte, no Brasil e outros países do continente, fez praça de espírito cristão, realizou conferências “sobre a verdade em Cristo” e, depois, rumou para o seu país. A finalidade da visita do Sr. Yamamoto deve ter sido muito outra. O “almirante de papelão” deve ter regressado com os bolsos cheios de apontamentos e de mapinhas, deve ter-se articulado com os informantes japoneses daqui e dali. Agora, aparece ele, o católico como organizador da ofensiva de surpresa contra os Estados Unidos, que em Hawaii, Pearl Harbor e outros pontos se revestiu das características de frio assassinato. Um almirante japonês, uma excursão de objetivos indefinidos, levantaria suspeitas. Um líder católico, não. Agora, Yamamoto aparece sob sua verdadeira personalidade, como um autêntico herói de Farrère, e deve rir de todos nós” (YAMAMOTO..., 1941, p. 2).

No longo artigo *Os povos cristãos e o imperialismo japonês*, Sobral Pinto, reproduz a carta enviada anteriormente ao Embaixador e faz forte crítica ao imperialismo e a ambiguidade da propaganda japonesa usando o catolicismo.

A conduta atual do Japão, por inspiração direta do Almirante Yamamoto, [...] veio demonstrar de que maneira eloquente o acerto de nossas previsões. Vemos com esta conduta que nem o Governo Japonês nem o Almirante Yamamoto se preocuparam jamais com a verdade cristã da fraternidade humana. [...]. Em irradiação para todo o Império, captada e traduzida aqui, anunciou que o Almirante Yamamoto, que o Japão está glorificando como planejador do ataque de surpresa aos Estados Unidos na própria Casa Branca em Washington. Um guerreiro convictamente cristão não se prevalece jamais das negociações pacíficas, para, à sombra delas, golpear de surpresa e pelas costas, aquele que ainda não foi advertido de que é considerado inimigo. [...] Precisamos de estar, por isso, alertas, para que não nos venha a acontecer o que já acabou de ocorrer de maneira tão trágica, som a nobre e descuidada nação Norte-Americana. (PINTO, 1941, p. 2).

O Radical repercutiu o artigo com o título: “O almirante Yamamoto volta à cena dessa vez sem máscara” (A PENETRAÇÃO..., 1941, p. 6) e completava denunciando as atrocidades das tropas japonesas em Hong Kong e nas Filipinas. Finalizava afirmando que a propaganda japonesa no Brasil era “um cavalo de batalha em favor da imigração” (CATÓLICOS..., 1942, p. 1). Alguns dias depois, o mesmo jornal fazia denúncia sobre

supostos espíões japoneses que como “o falso cristão Yamamoto” teriam planos secretos para os interesses japoneses nas concessões de terras aos japoneses em São Paulo e no Amazonas, supostamente mais cobiçadas que as conquistadas na China¹⁷.

A confusão ainda persistiria na repercussão da morte do General Yamamoto ocorrida em abril de 1943. Sergio Milliet da Costa e Silva (1898-1966) escritor e sociólogo definia “Yamamoto” como “um católico tão violento como generoso”.

Aqui, foi então o dirigente da embaixada recebido com muita festa, tendo visitado as autoridades eclesiásticas, em cujas mãos depositou a mensagem de que era portador. A nossa fácil credulidade admitiu que tudo aquilo fosse verdade, e caímos no conto do almirante. [...]. Mas a missão de Yamamoto ao Brasil não poderia ser de gentileza e amizade. Algo secreto a inspiraria. Ao planejador de Pearl Harbor, não repugnaria a vileza de ocultar, sob o pretexto de uma embaixada de amizade, os propósitos de uma espionagem de alto coturno. [...]. Quando por aqui andou Yamamoto, o Japão tinha seus planos sobre os Estados Unidos. Donde se conclui que a missão ao Brasil seria um complemento desses planos (COSTA E SILVA, 1943, p. 4).

A Missão Cultural de Tanaka Kotaro em 1939

Seguindo as linhas da Missão Yamamoto, em 1939, Kotaro Tanaka (1890-1974), outro intelectual católico faria nova incursão semelhante pelo Brasil, Peru, Panamá e México, desta vez com a chancela oficial do Gaimusho¹⁸. Tanaka recebera influência de Uchimura Kanzō em seu pensamento político uma vez que este se tornou cristão através do grupo protestante Mukyōkai em 1915 e somente em 1926 se tornaria católico. Catedrático da universidade Imperial de Tóquio, era aberto a valores universais e se opunha aos exclusivismos populares na época por meio do racismo, nacionalismo étnico ou a oposição entre política e religião¹⁹. Inspirado pelo neo-tomismo e a lei natural, critica o fascismo em suas publicações desde o ponto de vista católico na defesa do universalismo e a dignidade humana tal como defendida pela Igreja Católica.

No Rio de Janeiro foi recebido pelo presidente Vargas, proferiu várias palestras sobre Direito, Filosofia e Religião. No centro Dom Vital no Rio de Janeiro proferia palestra sobre: “O catolicismo e o papel dos católicos na Crise mundial” (O CATHOLICISMO..., 1939, p. 9). Na escola de belas Artes da universidade do Brasil, afirmara que “Em relação à questão espiritual o Brasil e o Japão se encontram no mesmo plano” destacando a luta comum contra o comunismo. Em São Paulo, na faculdade de Direito do Largo

¹⁷ Cf. ESPÍOES..., 1942, p. 6.

¹⁸ Os detalhes dessa missão estão devidamente registrados (Cf. GSK - 本邦人ノ海外視察旅行關係棟雑作. 視察圈ノ部. 訪伯文化使節團關係,). Após a guerra, Tanaka ocupou o cargo de Ministro da Educação no primeiro Gabinete Yoshida e posteriormente a Presidência da Suprema Corte de Justiça do Japão levando adiante sua militância contra o comunismo.

¹⁹ Cf. DOAK, 2011, p. 67.

São Francisco, falou sobre “Os problemas espirituais do Japão Moderno” (OS PROBLEMAS..., 1939, p. 6). Como Yamamoto, teve espaço no rádio, falando também na Hora do Brasil.

Conclusão

Após esse resgate histórico da “missão católica” japonesa no Brasil descrevemos como se deu a apropriação do discurso católico de Guerra Justa como parte da propaganda japonesa no segundo conflito bélico com a China. Como exposto, também a arte e devoções católicas se mostraram instrumentos efetivos para a propaganda positiva em favor do Japão.

A documentação aqui apresentada revela a participação dos jesuítas alemães da Universidade Sofia na reelaboração do discurso assumido como “oficial” encampado pela Associação dos Assuntos Exteriores que dispôs de membros católicos para assumirem tal propaganda. Os registros mostram que houve um processo de apropriação de mão dupla. Por um lado, o discurso católico serviu para justificação do imperialismo japonês mesmo antes do reconhecimento jurídico oficial da organização católica no país. Por outro lado, a Igreja Católica reconheceu os ritos patrióticos e toma parte no processo de justificação dos interesses expansionistas japoneses. No Brasil, se beneficiou indiretamente com o número de japoneses que aderiram ao Catolicismo como meio de integração exigida pela política de imigração.

A Segunda Guerra Sino-Japonesa ajudou a intensificar os contatos entre oficiais do Japão e o Vaticano aumentando a influência do Contra-Almirante Shinjiro Yamamoto junto ao imperador em virtude do aumento do número de católicos sob o domínio japonês com a “Esfera de Co-prosperidade da Grande Ásia Oriental”. Sem eximir das responsabilidades na cooperação dos esforços de guerra, já assumidos pela Igreja no Japão, esse fato revela a atuação efetiva de leigos que como no Brasil se tornavam porta-vozes da ação da Igreja junto aos governos. A eficácia da Ação Católica em ambos os países que deixou laços entre Yamamoto e Alceu Amoroso Lima.

No Brasil, a missão Yamamoto não passou despercebida, e o envio de uma segunda missão liderada por Tanaka no ano seguinte nos dão indício de que fazia parte de algo planejado pela política externa japonesa. Essa atuação sistemática ajudou a alimentar as desconfianças de parte da elite intelectual e autoridades brasileiras, que desconfiavam dos interesses japoneses no Brasil poderiam ir além da imigração. São também mostras do “jogo duplo” da Era Vargas não só em política externa, mas também no uso da religião como parte de sustentação do Estado Novo.

Deste modo, nos parece importante resgatar não só a referida missão, mas também a figura de Shinjiro Yamamoto. Há ainda uma série de publicações em japonês sobre essa missão em jornais e revistas que precisariam ser aprofundados. Dos registros deixados no Brasil, para além da grande imprensa, vale destacar que o mesmo discurso proferido em 1938 na candelária foi reproduzido na íntegra em 1954 na edição Comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo editada pelo Movimento Católico Estrela da

Manhã, fundado no Japão por Yamamoto e que inspirava também os jovens católicos descendentes no Brasil. É de conhecimento que o discurso de superioridade dos japoneses persistiu ainda por longo tempo por meio de sociedades secretas como a *Shindo Renmei*, porém essa publicação deixa o questionamento se esse discurso de superioridade japonesa persistiu no Brasil também em meio à juventude católica?

Finalmente, gostaríamos de reforçar aqui um dos objetivos que moveram a presente pesquisa. Embora ainda pouco explorada em nosso país, a interação entre Ciência da Religião e Relações Internacionais mostra a possibilidade de alargar os horizontes sobre o papel da religião como parte do pensamento humano e suas possíveis interações no espaço público internacional. Várias questões cruciais para a construção de um futuro de paz poderão contar com o aporte da religião se houver a devida crítica histórica dos erros cometidos.

OLIVEIRA, A. G. C. de. Religion and art as Japanese war propaganda in Brazil. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 21-43, jul./dez. 2019.

- **ABSTRACT:** *The article is a result of a post-doctoral research based on primary sources of historical archives of the Brazilian Itamaraty, the Vatican Archives and the Diplomatic Archives of the Ministry of Foreign Affairs of Japan. It also used publications available at the platform Hemeroteca Digital at the Biblioteca Nacional. The article intended to show the appropriation of the Catholic Just War thought by the Greater Japanese Empire as part of justification of its imperialism and of its war propaganda throughout Catholic countries that also arrived in Brazil in 1938. The expansionist projects had forced Japanese authorities to rethink their understanding of religion before an ideological alignment with the Vatican motivated by the same fight against communism. Japanese Officials had soon realized that besides the collaboration in the occupied territories, the Catholic Church would be also useful in the propaganda in favor of Japanese occupation. This resulted in the dispatch of “Japanese catholic missions” to several countries in the following years. The historical documentation shows how the Catholic discourse was incorporated as part of the Japanese external politic.*
- **KEYWORDS:** *Just War. Japanese Imperialism. Yamamoto Shinjiro. Religion and International Relations. Catholic Circle Morning Star.*

* A special thanks to Prof. Dr. Hoshino Seiji from Kokugakuin University in Tokyo who made possible the period of research in Japan.

Referências

AINDA neste século. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 1, 18 fev. 1938.

BORBA, J. C. As duas missões do Almirante Yamamoto. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 17, 28 dez. 1941.

BRITTO, L. Missões catholico-militares. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 11, 16 jul. 1938.

O CARACTERÍSTICO do Nippon e seu povo é obra de 2.600 annos. **Voz do Sol Nascente**, Kobe, n. 2, p. [9-10], 1928.

CARNEIRO, M. L. T. **O anti-semitismo da era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O CATHOLICISMO e o papel dos catholicos na crise mundial. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 9, 20 jul. 1939.

CATÓLICOS vendidos como escravos no Japão! **O Radical**, Rio de Janeiro, p. 1, 12 fev. 1942.

CHEGOU ontem ao Rio a missão de sympathy e amizade dos Catholicos japoneses. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 10, 12 jul. 1938.

A CONSCIÊNCIA catholica e a guerra sino-japoneza. **A Batalha**, Rio de Janeiro, p. 6, 21 jul. 1938.

COSTA E SILVA, S. M. da. Yamamoto e sua auréola sinistra. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 4, 23 maio 1943.

DOAK, K. M. Tanaka Kōtarō and natural law. In: DOAK, K. M. (ed.). **Xavier's legacies: catholicism in modern Japan**. Vancouver: UBC Press, 2011. p. 65-79.

A DOCTRINA de Christo na missão de aproximação dos povos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 12, 16 jul. 1938.

ESPIÕES japoneses no Brasil. **O Radical**, Rio de Janeiro, p. 6, 8 jan. 1942.

A IMPONENTE solenidade de hoje na Candelária. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 9, 17 jul. 1938.

INFILTRAÇÃO amarella. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 9, 18 jul. 1937.

A INFILTRAÇÃO japoneza no Brasil. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 11, 15 ago. 1937.

NA SANTA Sé. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 17-18 jan. 1938.

A PENETRAÇÃO japonesa no Brasil. **O Radical**, Rio de Janeiro, p. 6, 30 dez. 1941.

PINTO, S. Pelos domínios do direito: os povos christãos e o imperialismo japonês. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 20 dez. 1941.

OS PROBLEMAS espirituais do Japão Moderno. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 6, 31 jul. 1939.

RNM. 歴史から何を学ぶか-カトリック教会の戦争協力・神社参拝. [O que nos ensina a história? colaboração da Igreja Católica nos esforços de guerra e participação nos ritos patrióticos do xintoísmo]. Nagoya: カトリック中央協議会福音宣教研究. 新世, 2004.

SMETHURST, R. J. Japan, the United States, and the road to World War II in the Pacific. **The Asia-Pacific Journal**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. 1-1, 2012. Disponível em: <https://apjpf.org/-Richard-J--Smethurst/3825/article.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SOUZA, P. de. Epístolas. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 4, 30 dez. 1941.

TAKAHASHI, S. **Japan and world resources**. Tokyo: The Foreign Affairs Association of Japan, 1937.

TÓPICOS: a família católica. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 6, 15 jul. 1938.

TROTSKY, L. On the seventh congress of the Comintern. **New International**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 171-179, 1935. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1935/09/comintern.htm>. Acesso em: 11 fev.2020.

UM APELLO do Contra-Almirante. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 1, 25 nov. 1937.

VÁRIAS notícias. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 5, 11-12 jul. 1938.

VIANNA, O. **Raça e assimilação**. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1938. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/82/1/04%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

WHY Japan had to fight in Shanghai. Toyko: The Foreign Affairs Association of Japan, 1937.

YAMAMOTO, herói de Claude Farrère. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, 30 dez. 1941.

YAMAMOTO, S. 日本に於けるカトリック教 [A religião Católica no Japão]. *In*: AKE no Hoshi. [暁の星. 在伯日本人布教 沼革誌.海軍少將]. Edição Comemorativa do IV centenário da Fundação de São Paulo. São Paulo: [S.n.], 1954. p. 134-142.

Documentação de Arquivos

AAV - ARQUIVO APOSTÓLICO VATICANO (Cidade do Vaticano). Archivi delle Rappresentanze Pontificie - Giappone.

AF-SP - ARQUIVOS DOS FRANCISCANOS DE SÃO PAULO (São Paulo). Evangelização dos japoneses no Brasil.

AHI – ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY (Rio de Janeiro). Embaixada de Tóquio - Ofícios. Novembro 1937- Maio 1938; Junho-Dezembro 1938.

APRJ – ARQUIVO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO (Rio de Janeiro). Departamento de Polícia Política e Social. Setor japonês.

GSK - 外交史料館 - ARQUIVOS DIPLOMÁTICOS DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO JAPÃO (Tóquio).